



A JORNADA DO LEITOR EM ESPIRAL: OS CIRCUITOS DA LEITURA NO CÉREBRO DO LEITOR DE LITERATURA

The journey of the spiral reader: the circuits of reading in the literature reader's brain

Lucianno Di Mendonça

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
luciannodimendonca@gmail.com

Émile Cardoso Andrade

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
emilecardoso@ueg.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo relacionar o arco de personagem (e suas reviravoltas) no qual o protagonista de *Fahrenheit 451* (1953) se submete ao longo da narrativa com a espiral que o leitor percorre dentro de si ao ler literatura. Para tal empreendimento na teoria literária, destacaremos as obras teóricas de Vladimir Nabokov (1947); Gaston Bachelard (1957); e, Maryanne Wolf (2018). Saindo da ideia do círculo fechado em si mesmo no qual não há liberdade, abordaremos os circuitos da leitura por meio da metáfora do circuito elétrico e do símbolo da espiral nos quais há uma evolução a cada volta da espiral. Nossa hipótese é que, assim como, os altos e baixos e os movimentos para dentro e para fora num personagem espiral, da mesma forma, ocorre no leitor de literatura. Traremos também um viés sob a perspectiva neuro-funcional do cérebro ao imergir em narrativas literárias.

Palavras-chave: Leitor. Espiral. Dialética do leitor. Circuitos da leitura. *Fahrenheit 451*.

Abstract: This article aims to relate the character arc (and its twists and turns) in which the protagonist of *Fahrenheit 451* (1953) submits himself throughout the narrative with the spiral that the reader travels within himself when reading literature. For such an undertaking in literary theory, we will highlight the theoretical works of Vladimir Nabokov (1947); Gaston Bachelard (1957); and, Maryanne Wolf (2018). Leaving the idea of the circle closed in itself in which there is no freedom, we will approach the circuits of reading through the metaphor of the electric circuit and the symbol of the spiral in which there is an evolution at each turn of the spiral. Our hypothesis is that, just like the ups and downs and inwards and outwards movements in a spiral character, so does the literature reader. We will also bring a bias under the neuro-functional perspective of the brain by immersing ourselves in literary narratives.

Key words: Reader. Spiral. Reader dialectic. Reading circuits. *Fahrenheit 451*.

INTRODUÇÃO

Montag, protagonista de *Fahrenheit 451* (1953), é o sujeito com o qual caminharemos neste trabalho, uma vez que ele corresponde àquele que estamos chamando de “leitor em espiral”. Para isso, tomaremos o arco do personagem a que ele é submetido para relacionar à

espiral na qual o leitor de literatura também experimenta. Tal espiral se dá à medida em que o leitor imerge na solidão, no prazer e no compartilhamento que a leitura proporciona. Em outras palavras, Montag é uma metáfora do processo de leitura que envolve o letramento literário, ou seja, os circuitos neuro-funcionais do cérebro (Wolf, 2018) configuram-se num movimento espiralado no momento da leitura de literatura.

Para sustentar tal relação entre o arco do personagem e a espiral do leitor, traremos uma noção do escritor Vladimir Nabokov; uma frase do filósofo e poeta Gaston Bachelard; e um estudo da pesquisadora dos processos relacionados a neuroplasticidade¹ do cérebro associado à alfabetização e ao letramento literário, Maryanne Wolf.

Em *Fala, memória* (1947), Nabokov diz que a espiral é uma figura privilegiada em relação ao círculo porque ela contém as três categorias dialéticas de Hegel²: a tese, a antítese e a síntese; a última, por sua vez, passa a ser uma nova tese. De forma que, essa espiral filosófica movimenta a arte e a vida. Nabokov via isso na natureza e aplicava tal ideia em suas obras narrativas e de críticas literárias.

A espiral é um círculo espiritualizado. Na forma espiral, o círculo desencurvado, desenrolado, deixa de ser vicioso; foi libertado. Pensei nisso quando era menino de escola e descobri também que a série triádica de Hegel expressava meramente a “espiralidade” de todas as coisas em relação ao tempo. Curva se segue a curva, e toda síntese é a tese da série seguinte. Se considerarmos a espiral mais simples, pode-se distinguir nela três estágios, correspondentes à tríade: podemos chamar de “tética” a pequena curva ou arco que inicia a convolução no centro; “antitético” o arco maior que fica na frente do primeiro no processo de lhe dar continuidade; e “sintético” o

¹ O cérebro humano, principal componente do sistema nervoso, está diretamente relacionado com os processos de aprendizagem, diante disto é fundamental aprender conceitos de neurociência na escola, pois esta pode ser uma ferramenta para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. O conceito de plasticidade cerebral se refere à capacidade que o cérebro possui de se remodelar e remapear suas conexões, reagindo às experiências, aos aprendizados e aos danos, excluindo teorias antigas de que o cérebro seria imutável. Este conceito é importante, pois constitui a base neurobiológica da aprendizagem, situação na qual a influência do meio externo diante da exposição a novos desafios e conhecimentos é capaz de causar modificações no sistema nervoso central (SNC) promovendo seu desenvolvimento constante. A promoção da ciência de um modo geral, por sua vez, deve estar presente em todo o processo educativo, pois estimula um comportamento reflexivo e questionador. LIMA, K. R.; GARCIA, A.; FILIPIN, G.; VARGAS, L. S.; CARPES, M. P. B. **Neuroplasticidade: trabalhando conceitos de neurociência na escola**. Anais do 8º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa. Disponível em: <http://menteaprendente.com/wp-content/uploads/2020/08/NEUROPLASTICIDADE-TRABALHANDO-CONCEITOS-DE-NEUROCIENCIA-NA-ESCOLA.pdf>. Acesso em 05 de fev. 2023.

² A ideia de que a mudança é constante, de que a liberdade é que faz avançar a humanidade, [...] derrubando instituições que pareciam eternas e mostrando que o homem pode intervir na realidade, foi-se redescoberta a dialética. Com o alemão Friedrich Hegel (1770-1831), a dialética passou a ser concebida como a própria natureza do pensamento, pois é a resolução das contradições; é a forma como a realidade se desenvolve, portanto, existe no objeto e no discurso, sendo a base da compressão. Ou seja: a realidade seria explicada como estabelecida pela marcha do pensamento, as obras existentes eram uma manifestação, uma exteriorização da Ideia. A estrutura contraditória do real (a dialética) possuía, no seu movimento constitutivo, três momentos: identidade (tese), contradição ou negação (antítese) e negação ou positividade (síntese). Sendo que a última, tona-se um tese (melhor elaborada) para o próximo movimento dialético. CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Tese, antítese, síntese, tese...** Boletim Paulista de Geografia, n. 77. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/840/723>. Acesso em 03 fev. 2023.

arco ainda mais amplo que continua o segundo, acompanhando o primeiro pelo lado externo. E assim por diante. (Nabokov, 2014, p. 229)

Nabokov lia Hegel ainda criança. Não que isso deva ser padrão, pois, até para um adulto é difícil ler Hegel (para alguns quase impossível), mas, ao contrário que se pensa, uma criança pode ser estimulada (sem que se imponha) a ler Hegel, Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carolina Maria de Jesus, etc, e a ter conhecimento o quanto antes da espiral do leitor e da condição desagradável da vida por meio do gozo da literatura. A imagem de um círculo desencurvado e desenrolado é possível e pode ser vista na espiral. De forma que, a síntese se torna tese seguida da antítese, quer por sua vez avança a outra síntese, e assim sucessiva e indefinidamente. Partindo desse raciocínio, o círculo, ao contrário da espiral, não se liberta nunca, pois nele não há dialética. Nabokov aplicou a imagem da espiral não somente em suas obras e na sua maneira de ver o mundo, mas sua própria vida também seguiu tal espiral:

Uma espiral colorida dentro de uma bola de vidro, é assim que vejo a minha vida. Os vinte anos que passei em minha Rússia natal (1899-1919) se encarregam do arco tético. Os vinte e um anos de exílio voluntário na Inglaterra, na Alemanha e na França (1919-1940) fornecem a óbvia antítese. O período passado em meu país de adoção (1940-1960) forma a síntese — e uma nova tese. No momento, estou preocupado com meu estágio antitético e mais particularmente com minha vida na Europa continental depois que me formei em Cambridge em 1922. (Nabokov, 2014, pp. 229-230)

Nabokov tinha a dialética de Hegel não somente como uma elaboração discursiva-argumentativa, mas como lentes para ler a realidade, a vida e o mundo. Borges também sustentou algo semelhante, chegando a dizer que prefere a espiral ao círculo: “‘A cruz de Cristo nos salvou do labirinto circular dos estoicos’, citava, deliciado. E depois acrescentava: ‘Mas ainda prefiro o labirinto circular’”. (Manguel, 2020, p. 41) Tal representação da espiral é central em *A Biblioteca de Babel*: “Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva rumo ao infinito” (Borges, 2005, p. 54). Em *A Poética do Espaço* (1957), Gaston Bachelard disse:

No ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, discurso, tudo é uma romaria, tudo é refrão de estrofes sem fim. E que espiral é o ser do homem! Nessa espiral quantos dinamismos se invertem! Não se sabe mais imediatamente se corremos para o centro ou se nos evadimos. Os poetas conhecem bem esse estado de hesitação do ser. Jean Tardieu escreve: “Para avançar eu me volto sobre mim mesmo. Ciclone pelo imóvel habitado.” (Jean Tardieu, *Les Témoins Invisibles*, p. 36). (Bachelard, 2008, p. 337)

Dentre várias, três das definições³ de circuito são: “1- linha que limita inteiramente uma superfície; 2- movimentos mais ou menos circulares no fim do qual se volta ao ponto de partida; e, 3- designação extensiva a qualquer sistema ou dispositivo cujo funcionamento implique uma interligação fechada entre elementos diferentes, a fim de garantir a execução de determinadas tarefas.” Daí a concepção de curto-circuito, no qual há um fechamento entre polos de correntes elétricas distintas. Bachelard não diz *circular* do ser humano, senão ocorreria curtos-circuitos ao ponto de explodir a própria humanidade (ainda que tal fechamento de circuito ocorra em muitas pessoas, como veremos ocorrendo com Beatty) mas ele diz *espiral* do ser humano.

Desta maneira, mesmo que se ache, num primeiro momento, que se está em contornos para a saída, mais para o centro vai, assim como, o inverso também ocorre. Mas isso designa elementos e modos de operação do humano. É o que Bachelard define por “estado de hesitação do ser.” E também dito pelo poeta Jean Tardieu: “para avançar eu me volto sobre mim mesmo. Ciclone pelo imóvel habitado”. (Bachelard, 2008, p. 337). Por sua vez, Maryanne Wolf, em seu livro *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era* (2018), diz:

Tudo começa com o princípio da “plasticidade dentro de limites” no projeto do cérebro. O que mais me deixa maravilhada não são as múltiplas funções sofisticadas do cérebro, mas a sua capacidade de ir além de suas funções originais (que recebemos como parte de nosso equipamento biológico) – como a visão e a linguagem – para desenvolver capacidades totalmente desconhecidas, como as de ler e de lidar com números. Para tanto, ele cria um novo conjunto de caminhos, conectando e às vezes realocando componentes de suas estruturas básicas mais antigas a novas funções. (Wolf, 2019, p. 30)

O impacto das descobertas da autora relaciona-se, mais do que as múltiplas funções sofisticadas do cérebro, é sua capacidade de ir além das funções originais, uma delas é a capacidade de aprender a ler. Dado que a escrita foi inventada, ou seja, uma tecnologia desenvolvida, o cérebro teve que se adaptar (moldar, literalmente) a esse novo padrão de aquisição de conhecimento. Então, haveria no cérebro uma localidade onde ele foi moldado para a leitura? De acordo com vários estudos na neurologia, e corroborados por pesquisas recentes citadas por Maryanne Wolf, sim, há um lugar específico no cérebro, que não havia antes, para a leitura.

Se pensarmos em termos de evolução, esses princípios organizacionais, que são de uma eficiência impressionante, fazem muito sentido e, com toda a probabilidade,

³ Dicionário on-line Porto Editora.

garantiram a sobrevivência de muitos de nossos antepassados antes que a leitura chegasse a ser inventada. Basta pensar na rapidez com que nossa espécie, no passado, precisou identificar o rastro dos predadores – uma rapidez imediata. O reconhecimento imediato é facilitado exponencialmente pelas representações visuais em nosso cérebro. O que é fascinante de se pensar é que nossa atual organização retinotópica, que foi sendo reciclada em cada novo leitor de modo a incluir letras e palavras, não poderia ser a mesma (e de fato não era) no córtex de nossos remotos antepassados, e não é a mesma em qualquer pessoa analfabeta de hoje. Nos indivíduos iletrados, a maior parte dos grupos de trabalho neuronais que usamos hoje para as letras e palavras são amplamente associados a tarefas visualmente semelhantes, mas funcionalmente diferentes, como a identificação de objetos ou rostos. Esse é um excelente exemplo de como, aprendendo a ler, o cérebro redefine os objetivos de certas redes usadas originalmente para identificar pequenos traços em objetos e faces, aplicando-as a reconhecer traços igualmente pequenos em letras e palavras. (Wolf, 2019, p. 43)

Assim, os primeiros círculos descurvados da plasticidade neural humana se deram nos primeiros signos cuneiformes da mesopotâmia. Tanto não havia escrita quanto também não havia no cérebro um lugar onde se pudesse usar para desenvolver o aprendizado da leitura. E, surpreendentemente, o ponto do cérebro onde se desenvolveu a capacidade de ler foi o mesmo local onde se reconhecia rostos de pessoas. Ou seja, as pessoas leram no passado, e continuam lendo os rostos, desta forma, melhor seria se encontrassem livros em nossos olhares, vozes, cheiros, toques e audições.

Esses estudos são o começo de um trabalho que vem crescendo sobre o lugar da empatia e da adoção de perspectiva na neurociência da literatura. O cientista cognitivo Keith Oatley, que estuda a psicologia da ficção, demonstrou que há uma forte relação entre ler ficção e o envolvimento nos processos cognitivos que sabemos serem subjacentes tanto à empatia quanto à teoria da mente. Oatley e seu colega da Universidade de York Raymond Mar sugerem que o processo de assumir a consciência do outro ao ler ficção, bem como a natureza do conteúdo da ficção – em que as grandes emoções e conflitos da vida são constantemente representados – não só contribuem para nossa empatia, mas também representam o que o cientista social Frank Hakemulder chamou de “nosso laboratório moral”. Nesse sentido, quando lemos ficção, o cérebro simula ativamente a consciência de outra pessoa, incluindo aquelas que nunca sequer imagináramos conhecer. Permite-nos experimentar, por alguns momentos, o que significa verdadeiramente ser uma outra pessoa, com todas as emoções e conflitos semelhantes e às vezes completamente diferentes que governam as vidas alheias. O circuito da leitura é construído sobre essas simulações; e assim o são também as nossas vidas cotidianas, bem como as vidas daqueles que conduziram outros. (Wolf, 2019, pp. 76-77)

Wolf retoma a ideia de circuito, desta vez, por meio do termo: “circuito da leitura”. O protagonista do romance de Bradbury entrou nesse circuito, assim como, será com os leitores em espiral que lerem *Fahrenheit 451*. Na Teoria da Literatura e também na Escrita Criativa, Montag é uma personagem esférica. daquelas não previsíveis e que começam de uma forma, passam por seus próprios arcos de personagem, e finalmente, ao fazer

movimentos espiralados ao longo do enredo, termina diferente de como começou, por isso, a escolha dessa personagem para nosso estudo.

OS CIRCUITOS DA LEITURA A PARTIR DE *FAHRENHEIT 451*

Apresentada, nos termos deste trabalho, a tríade do leitor em espiral: Nabokov, Bachelard e Wolf, nosso ponto é que o leitor de literatura ao ler a história de uma personagem dentro de uma espiral (arco de personagem) com seus dramas, conflitos e contradições, ele (leitor) passa por experiência semelhante na espiral de seu cérebro. O início de *Fahrenheit 451* apresenta a primeira espiral de Montag: ele se divertia em queimar livros (tese):

Queimar era um prazer. Era um prazer especial ver as coisas serem devoradas, ver as coisas serem enegrecidas e alteradas. Empunhando o bocal de bronze, a grande víbora cuspiendo seu querosene peçonhento sobre o mundo, o sangue latejava em sua cabeça e suas mãos eram as de um prodigioso maestro regendo todas as sinfonias de chamas e labaredas para derrubar os farrapos e as ruínas carbonizadas da história. Na cabeça impassível, o capacete simbólico com o número 451 e, nos olhos, a chama laranja antecipando o que viria a seguir, ele acionou o acendedor e a casa saltou numa fogueira faminta que manchou de vermelho, amarelo e negro o céu do crepúsculo. (Bradbury, 2012, p. 14)

Montag executava sua profissão com gozo, saía de casa para queimar livros. Porém, aos poucos o enredo demonstra que seu protagonista sairia de queimador de livros e orgulhoso da atividade criminosa à leitor biblioteca fugitivo da polícia. Em seguida, mais um círculo desencurvado viria (antítese):

E ela se afastou correndo e o deixou ali, parado na chuva. Só depois de um longo momento ele começou a andar. E então, muito lentamente, à medida que caminhava, inclinou a cabeça para trás na chuva, apenas por um momento, e abriu a boca... (Bradbury, 2012, p. 36)

O próximo passo, após abrir a boca debaixo de chuva, demorou alguns instantes. Ele ficou parado na chuva, coisa que nunca havia feito. Depois, caminhando bem devagar, não antes que olhar para os lados, inclinou a cabeça para cima e, ainda com a boca aberta, deixava gotas de chuva escorrerem pelos sulcos de sua face. E finalmente, as gotas desaguaram no rio seco de sua boca calada. Montag teve essa epifania em razão de Clarisse ter dito que ela fazia isso na chuva porque as gotas tinham gosto de vinho.

No meio de sua jornada no romance, quando já apresentava sinais de crise por queimar livros, ao mesmo tempo em que, manifestava desejo pelos objetos que ele destruía (síntese de um movimento e tese de outro):

Montag sentiu uma enorme irritação. Além de tudo, ela não deveria estar ali! Os livros bombardeavam seus ombros, braços, o rosto voltado para cima. Um livro pousou, quase obediente, como uma pomba branca, em suas mãos, as asas trêmulas. À luz mortíça, oscilante, uma página pendeu aberta e era como uma pluma de neve, as palavras nela pintadas delicadamente. Em meio à correria e à fúria, Montag teve tempo apenas para ler uma linha, mas esta brilhou em sua mente durante o minuto seguinte, como se marcada a ferro em brasa. “O tempo adormeceu ao sol da tarde.” Soltou o livro. Imediatamente, outro caiu em seus braços. (Bradbury, 2012, p. 50)

De alguma forma, os livros o perseguiam, moribundos, em chamas, como se dissessem: “leia-nos e leia-se enquanto há tempo”. Nesta cena, houve sentimentos ambíguos pululando, ao mesmo tempo, na mesma pessoa. Em seguida, ao roubar um livro da biblioteca a qual ele, como bombeiro estava ali para incinerar, o livro pulsou, como se pulsa um coração, debaixo de seu braço: “A mulher girava nos dedos o palito de fósforo. Os vapores de querosene exalavam ao seu redor. Montag sentiu o livro escondido pulsar como um coração contra seu peito.” (BRADBURY, 2012, p. 52). Este seria o início da virada de Montag: a morte de uma pessoa-livro (Sra. Blake) para um leitor de literatura que acabara de nascer (Montag). Algumas páginas à frente temos (antítese):

Numa noite na qual Montag voltava de um dia terrível de trabalho, sua consciência quanto aos crimes que ele cometia refletiam em seu corpo: “Suas mãos haviam sido infectadas e logo seriam os braços. Podia sentir o veneno subindo pelos pulsos, cotovelos e ombros e, depois, o salto de uma espádua para a outra, como faísca entre dois polos.” (Bradbury, 2012, p. 54)

Tal personagem estava ao ponto de um curto-circuito: “Podia sentir o veneno subindo pelos pulsos, cotovelos e ombros e, depois, o salto de uma espádua para a outra, como faísca entre dois polos.” O veneno da maldade era a corrente elétrica que faiscava entre os polos de suas espáduas, tal veneno encontrou uma alternância entre correntes, que antes não acontecia. Por isso, seu corpo reagia àquele movimento da consciência saindo de si em direção ao outro, ao mesmo tempo em que, se desdobrava nele próprio. Assim, algo nele resistia aos efeitos da leitura a qual, ao mesmo tempo, o atraía. Na noite em que a sra. Blake morreu, ele chegou em casa, em silêncio e no escuro, Mildred, sua esposa, disse para ele acender a luz, Montag

respondeu (antítese): “não quero luz”. (Bradbury, 2012, p. 54). Bachelard trazendo noções de biologia, por meio do naturalista Robinet⁴, disse:

Robinet pensou que foi rolando sobre si mesmo que o caracol fabricou sua “escada”. Assim, toda a casa do caracol seria um vão de escada. Em cada contração, o animal mole faz um degrau de sua escada em caracol. Ele faz contrações para avançar e crescer. (Bachelard, 2008, p. 276)

O corpo de Montag, a despeito dele próprio, produzia contrações. Eram quase dores de parto, afinal, um novo Montag estava sendo parido por ele e nele mesmo, por isso precisava de silêncio e escuridão. Assim como, um molusco forma a própria concha depois de nascer, leitores se tornam bibliotecas, em contrações espirais, após nascerem leitores. Mas é um processo penoso, dolorido, angustiante, nem todos querem, ou sequer, sabem que podem.

Por outro lado, Beatty, o chefe dos bombeiros, na cena da sra. Blake – a qual eles iriam queimar até à morte, não demonstrou o mínimo de sensibilidade por cometer mais um assassinato. Contudo, posteriormente, Beatty deixou claro saber que a leitura promove a melancolia, a solidão e a contradição para que tais elementos (combinados com outros efeitos) redundem em compartilhamento (antítese):

Não as coloque em terreno movediço, como filosofia ou sociologia, com que comparar suas experiências. Aí reside a melancolia. Todo homem capaz de desmontar um telão de tevê e montá-lo novamente, e a maioria consegue, hoje em dia está mais feliz do que qualquer homem que tenta usar a régua de cálculo, medir e comparar o universo, que simplesmente não será medido ou comparado sem que o homem se sinta bestial e solitário. [...] Nós resistimos à pequena maré daqueles que querem deixar todo mundo infeliz com teorias e pensamentos contraditórios. (Bradbury, 2012, p.76)

Beatty deixou claro que o maior problema não era os leitores em si, mas a pequena maré dos leitores que compartilhavam suas leituras. Todavia, para entrar na espiral da leitura é necessário coragem, não para queimar livros e pessoas, mas para se deixar atravessar por uma frase aparentemente banal: “O tempo adormeceu ao sol da tarde” (Bradbury, 2012, p. 50). E assim foi se dando com Montag ao longo da sua dialética da leitura. No caminho contrário estava Beatty, sua opinião é uma representação do que muitas pessoas pensam sobre os livros e a literatura (antítese).

Bem, Montag, pode acreditar, no meu tempo eu tive de ler alguns, para saber do que se tratava, e lhe digo: os livros não dizem nada! Nada que se possa ensinar ou em que se possa acreditar. Quando é ficção, é sobre pessoas inexistentes, invenções da

⁴ Jean-Baptiste Robinet (1735-1820) ficou conhecido por sua obra em cinco volumes *Da natureza* (1761-8).

imaginação. Caso contrário, é pior: um professor chamando outro de idiota, um filósofo gritando mais alto que seu adversário. Todos eles correndo, apagando as estrelas e extinguindo o sol. Você fica perdido. (Bradbury, 2012, p. 77)

O opositor dos livros e antagonista da narrativa, Beatty, tentou com todas as suas forças e inteligência a dissuadir Montag de abandonar os livros, a literatura e a leitura. Com isso ele imprimiu matizes de verdades em seu discurso. Por exemplo, ao dizer que o leitor “fica perdido”, ele deu uma conotação ruim ao fato do ficar confuso, mas a melancolia e a contradição fazem parte da dialética da leitura do leitor em espiral. Nesse turbilhão temos (síntese/tese):

Quero ficar com essa coisa esquisita. Não sei o que é. Estou tão desgraçadamente infeliz, com tanta raiva, e não sei por quê. [...] Tenho a impressão de que deixei de lado um monte de coisas e não sei exatamente o quê. Eu poderia até começar a ler livros. [...] A felicidade é importante. A diversão é tudo. E, mesmo assim, continuei sentado ali, repetindo a mim mesmo: não estou feliz, não estou feliz. (Bradbury, 2012, p. 80)

Montag usa adjetivos fortes para tentar representar o que nem ele sabe o que é. Ao afirmar “não sei por quê”, admite sua ignorância, ao mesmo tempo em que, sabe o quanto de ódio sente. Sua infelicidade não é da ordem das circunstâncias, apesar de estarem ruins; mas sua infelicidade desgraçada revela os conflitos e dilemas em que ele estava imerso. Numa fala curta, Montag passou por raiva, infelicidade, dúvidas, certezas, desejo, autoafirmações verbalizadas, frases prontas e reconhecimento da própria tristeza. Bachelard (2008) disse:

Quisemos dar [...] uma das experiências mais completas de um devaneio desagradável, do devaneio do ser que se imobiliza num canto. Aí ele reencontra um mundo usado. De passagem, notemos o poder de um adjetivo, desde que o liguemos à vida. A vida desagradável, o ser desagradável, assinala um universo. É mais que uma coloração que se estende sobre as coisas, são as próprias coisas que se cristalizam em tristezas, em saudades, em nostalgias. [...] O mundo não é da ordem do substantivo, mas da ordem do adjetivo! (Bachelard, 2008, p. 291)

O devaneio desagradável, de acordo com Bachelard, não somente é necessário como deve ser estimulado. O estímulo a um devaneio ao ponto de imobilizar, temporariamente, a pessoa num canto. Então, tal quimera leva a quem devaneia a conectar-se com aquilo que caracteriza o universo: a vida desagradável. Aqui a ruptura é sutil, mas deve ser apontada: quem devaneia não está na ordem da ilusão – que leva ao egoísmo e ao desespero; mas em

camadas submersas da realidade – que leva ao compartilhamento de poesias, no sentido mais amplo da palavra. Todavia, retrocedendo um pouco na narrativa, Bradbury já havia plantando no início, por meio de uma frase, o quanto de espirais de novas escuridões e um novo sol ele haveria de experimentar (antítese):

Olhou para uma parede vazia. O rosto da garota estava ali. Em sua memória, era um rosto lindo; na verdade, assombroso. Era um rosto muito tênue, como o mostrador de um relógio fracamente discernível num quarto escuro no meio da noite, quando se acorda para olhar as horas e se vê o relógio dizendo a hora, o minuto e o segundo, com um silêncio branco e um brilho, toda certeza, e sabendo o que tinha a dizer sobre a noite que passa depressa rumo a novas escuridões, mas também rumo a um novo sol. (Bradbury, 2012, p. 21-22)

São sentimentos confusos, mas não aleatórios e indiscerníveis. O rosto da garota Clarisse era mesmo lindo e assombroso. O quarto era escuro; o silêncio, branco brilhante. Ele via os ponteiros do relógio passando devagar, ao mesmo tempo em que, a noite ia depressa em direção a novas escuridões e um novo sol. Tal jornada, além de definidora em sua vida, promoveria rupturas internas e intensas que a princípio, não teria ideia do que estava acontecendo com ele. Clarisse era uma adolescente vizinha de Montag que o despertara para a leitura pela primeira vez. Numa das conversas entre os dois, ela diz (síntese/tese):

Você não é como os outros. Eu vi alguns; eu sei. Quando eu falo, você olha para mim. Ontem à noite, quando eu disse uma coisa sobre a lua, você olhou para a lua. Os outros nunca fariam isso. Os outros continuariam andando e me deixariam falando sozinha. Ou me ameaçariam. Ninguém tem mais tempo para ninguém. Você é um dos poucos que me toleram. É por isso que acho tão estranho você ser bombeiro. É que, de algum modo, não combina com você. Ele sentiu o corpo dividir-se em duas metades, uma quente, a outra fria, esta macia, aquela dura, uma trêmula, a outra firme, uma oprimindo a outra. — É melhor você se apressar para a sua consulta — disse ele. (Bradbury, 2012, pp. 35-36)

A garota perturbava o bombeiro a cada palavra, não porque ele era fraco, pelo contrário, ele já estava subindo e descendo suas próprias espirais. Na verdade, a despeito de sua atividade assassina, ele era uma pessoa sensível: “Você não é como os outros. Eu vi alguns; eu sei. Quando eu falo, você olha para mim. Ontem à noite, quando eu disse uma coisa sobre a lua, você olhou para a lua.” (Bradbury, 2012, p. 35). O ponto aqui é: o leitor biblioteca não olha somente nos olhos das pessoas, mas olha para onde elas olham. Sua fome é do olhar, ele quer ver com todos os olhos. Eduardo Galeano, em sua obra *O livro dos abraços* (2013) no texto *A função da arte/1*, disse:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar! (Galeano, 2013, p. 6)

Pode-se imaginar o pai, Santiago, não compreendendo muito bem o pedido de Diego que o ajudasse a ver o mar, e tentando articular qualquer verbalização, como se ele soubesse algo que o filho não sabia. Assim, Diego diria: “não, não, papai, não é questão de saber, quero apenas que me ajude a olhar.” Dostoiévski sintetizou a questão do silêncio assombrado diante da vida, numa de suas personagens, na novela *Uma criatura dócil* (1876):

Sou mestre na arte de falar em silêncio, passei minha vida toda conversando em silêncio e em silêncio vivi tragédias inteiras comigo mesmo. Oh, pois eu também era infeliz! Fui desprezado por todos, desprezado e esquecido, e ninguém, absolutamente ninguém sabe disso. (Dostoiévski, 2009, p. 17)

O silêncio assombrado, nos termos deste artigo, é um dos efeitos da espiral por onde caminha o leitor. Desta forma, o garoto no texto de Galeano, ao contrário da personagem de Dostoiévski, reconhece sua insuficiência em olhar com os próprios olhos, em tocar apenas com as próprias mãos, ouvir apenas com os próprios ouvidos. Por isso, o filho pede ajuda ao pai, Santiago, para olharem e ficarem juntos na partilha do silêncio assombrado. Tal silêncio ocorre quando o leitor “vive muitas vidas” numa só. C. S. Lewis em *Um experimento em crítica literária* (1961), diz sobre a experiência do leitor de literatura ver com milhares de olhos:

A pessoa que está contente em ser apenas ela mesma e, portanto, menos que um “eu”, está em uma prisão. Os meus olhos não são o bastante para mim. Eu vejo através dos olhos dos outros. A realidade, mesmo vista através dos olhos de muitos, não é o bastante. Eu verei o que outros inventaram. Mesmo os olhos de toda a humanidade não são suficientes. [...] Mas, ao ler a grande literatura, eu me torno mil homens e, mesmo assim, continuo a ser eu mesmo. Tal como o céu noturno no poema grego, eu vejo com uma miríade de olhos, mas ainda sou eu quem o vê. Na adoração, no amor, na ação moral e no conhecimento, eu transcendendo a mim mesmo, e nunca sou mais eu mesmo do que quando faço isso. (Lewis, 2019, pp. 138-139)

De acordo com Lewis, quem vê apenas com os próprios olhos é um “eu” partido, incompleto, fragmentado, uma espécie de quase “eu” que nunca se torna quem é. Por outro lado, o leitor em espiral vê com uma miríade de olhos para constituir a identidade do próprio olhar em trânsito no circuito da leitura. Ver com os olhos de toda a humanidade é pouco, se entre essas bilhões de pessoas não houver uma personagem, uma história, uma poesia, uma

narrativa. Em *O Rei Lear* (1606), o protagonista Shakespeariano, diz: “se pretende chorar minha desventura, toma meus olhos. Chegamos aqui chorando. A primeira vez que sentimos o ar, gememos e berramos, por nos vermos nesse imenso palco de dementes” (Shakespeare, 2011b, p. 99). Não basta chorar a desventura de quem sofre, de acordo com o rei Lear, devemos tomar os olhos do desventurado.

Em consequência disso, o corpo de Montag cinde-se em duas partes: quente-fria, macia-dura, trêmula-firme, uma em confronto com a outra, uma oprimindo a outra. Dois polos equivalentes em oposição e atração, tal efeito movimenta o circuito na espiral do leitor. Os desdobres das circunvoluções dialéticas seguem na mente de Montag (antítese):

Meu Deus, como eu queria ter algo a dizer ao capitão. Ele leu o bastante para ter resposta para tudo, ou pelo menos é o que parece. A voz dele é melosa. Receio que ele me convença a voltar a ser o que eu era. Apenas uma semana atrás, ao bombear o querosene com a mangueira, eu pensava: Nossa, como é divertido! (Bradbury, 2012, p. 105)

A decircularização promovida pela antítese representa o ponto mais difícil de lidar na espiral do leitor. Montag admira o vasto conhecimento de Beatty sobre literatura, isso o leva a temer desejar voltar atrás no circuito periférico de si que ele próprio havia percorrido. Pudera, foi um período muito curto. Em apenas uma semana, Montag divertia e se sentia digno em bombear querosene e queimar livros, era aceito pela família e sociedade; agora perdera tudo e os livros queimavam sua alma. O conflito em sua mente era radical, ele chegou a considerar que submeter-se ao processo metamórfico para leitor em espiral era muito dolorido, e talvez não valesse à pena (antítese): “Fiquei chocado ao ver a senhora Phelps chorar. Talvez elas tenham razão, talvez seja melhor não enfrentar as coisas e simplesmente correr e se divertir. Eu não sei.” (Bradbury, 2012, p. 121).

Poderíamos relacionar a jornada de Montag com alguns elementos do roteiro da *Jornada do Herói*⁵, uma vez que tais jornadas podem, como dito, relacionarem-se à jornada do leitor. Por exemplo, dos 12 passos da jornada do herói, temos a “recusa ao chamado”, que compreende o forte impulso do herói em querer desistir de seu chamado e voltar à comodidade de seu mundo comum. Montag considerou tal possibilidade: “talvez seja melhor não enfrentar

⁵ Em sua obra *O herói de mil faces* (1949), Joseph Campbell sintetizou o percurso dos heróis em inúmeras mitologias do mundo. Deste trabalho, Campbell sintetizou as 12 etapas da jornada do herói, são elas: o mundo comum; o chamado à aventura; recusa do chamado; encontro com o mentor; a travessia do primeiro limiar; provas, aliados e inimigos; aproximação da caverna secreta; a provação; a recompensa; o caminho de volta; a ressurreição; e o retorno com o elixir.

as coisas e simplesmente correr e se divertir.” (Bradbury, 2012, p. 121). Naturalmente, não estamos comparando a jornada do leitor em espiral com todos os pontos da jornada do herói, apenas relacionamos, nesse caso, um dos elementos de um no outro.

Provavelmente, o narrador bradburyano conhecia a tríade hegeliana. Mas nem precisaria, como dizia Nabokov, a narrativa da vida segue o curso da: identidade (tese), contradição (antítese), e conformação (síntese/tese):

Montag sabia agora que havia nele duas pessoas; que ele era, acima de tudo, o Montag que não sabia nada, que nem sequer sabia que era um tolo, mas apenas desconfiava. [...] Sua mente afinal melhoraria e ele não seria mais Montag, dizia-lhe este velho, assegurava-lhe, prometia-lhe. Ele seria Montag-mais-Faber, fogo mais água e, um dia, depois de tudo misturado e acalmado e trabalhado em silêncio, não haveria nem fogo nem água, mas vinho. A partir de duas coisas distintas e opostas, uma terceira. E um dia ele olharia para trás para o tolo e identificaria o tolo. Já agora ele podia sentir o começo da longa viagem, o desligamento, o afastamento da pessoa que ele havia sido. (Bradbury, 2012, p. 120)

Considerar a possibilidade de ser um tolo, ao mesmo tempo em que, com uma mente melhorada. Montag, então, soube que nele haviam duas pessoas, um Montag-Faber, um fogo-água esculpido no cinzel do silêncio, tendo como arte final um terceiro e diferente elemento: o vinho. Este seria o resultado da afirmação-negação-união. Então, seria não duas pessoas numa só, mas uma terceira em cisão indefinida, um ser dialético: entrando e saindo de si, subindo e descendo na espiral da vida. O novo Montag sabia que não tinha como voltar atrás: “Tudo se juntava e se tornava uma coisa só em sua mente. Após um longo tempo de flutuação na terra e um breve tempo de flutuação no rio, ele sabia por que jamais voltaria a queimar nada na vida.” (Bradbury, 2012, p. 160). No final do livro, temos a antítese final e tese inicial para próximos rodeios e desdobres no circuito de si:

Continuaremos seguindo o rio. Olhou para os velhos trilhos da ferrovia. Ou iremos por aquele caminho. Ou caminharemos agora pelas estradas e teremos tempo para pôr as coisas dentro de nós. E algum dia, depois que elas se decantarem em nós por muito tempo, sairão por nossas mãos e bocas. E muitas delas estarão erradas, mas o suficiente estará certo. Começaremos a caminhar hoje e veremos o mundo e o modo como ele caminha e fala, o modo como ele realmente é. Agora quero ver tudo. E embora nada do que entrar fará parte de mim quando entrar, após algum tempo tudo se juntará lá dentro e se fundirá em mim. Olhe o mundo lá fora, Deus, meu Deus, olhe lá, fora de mim, para lá de meu rosto, e a única maneira de realmente tocá-lo é colocá-lo onde ele finalmente seja eu, onde ele fique no sangue, onde seja bombeado mil, dez mil vezes por dia. Eu o guardarei para que nunca se esgote. Eu me agarrarei firme ao mundo algum dia. Já pus um dedo nele; é um começo. (Bradbury, 2012, p. 182)

A decisão de seguir as curvas do rio representaria a beleza em se apropriar da própria espiral, ainda que muitas coisas dentro de si ainda estejam (e talvez continuem) fora de lugar. Beatty preferiu fechar o curto em si mesmo e não admitiu a contradição, a melancolia, a tristeza, o prazer e a fruição decorrentes da leitura. Ele não teve coragem de mergulhar no circuito da dialética do leitor, passou a vida torcendo-se sobre si mesmo, e assim fora até o fim. Quando Montag o matou através da mangueira com querosene e chamas, o texto descreve sua morte: “Beatty rolava, contorcia-se sem parar e, por fim, torceu-se sobre si mesmo como uma boneca de cera carbonizada e emudeceu.” (Bradbury, 2012, p. 138).

O novo Montag, o novo vinho que seria lido e degustado por outros leitores, sabia que dilemas, melancolia, tristeza, luto, dor e sofrimento podem não nos deixar, mas decantam, ou seja, serão entoados (partilhados) com outras pessoas: “E algum dia, depois que elas se decantarem em nós por muito tempo, sairão por nossas mãos e bocas.” (BRADBURY, 2012, p. 182). Como disse Borges para Manguel em *Com Borges* (2004) quando o último lia para o primeiro ao ter se tornado cego: “Os deuses tecem adversidades para os homens para que as gerações futuras tenham algo para cantar.” (Manguel, 2020, p. 24). E assim, compartilharemos silêncios assombrados por aí. Notemos, não haverá esforço para cantar, a música correrá, com lindos intervalos de silêncio, por mãos (escrita) e bocas (oralidade), como um rio (leitor biblioteca) não pode não fluir (fruir). Será um recomeço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia da espiral tem nos acompanhado desde que iniciamos o mestrado em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás, quando fizemos uma análise do conto *A Biblioteca de Babel* (1944), de Jorge Luis Borges. Em seguida, vimos Bachelard, citado nesse artigo, dizer que o homem é uma espiral que, a princípio, não sabe se está caminhando para dentro ou para fora, mas está numa reviravolta entre a angústia e a fruição, entre o outro e si mesmo.

Quando vimos a autobiografia *Fala, memória*, de Nabokov, fazer uma associação da tríade dialética de Hegel ao seu processo criativo e ao próprio movimento da vida, bem como, este autor retomando a ideia da espiral, surgiu uma pergunta: se a literatura não é uma fuga da realidade, mas uma imersão na própria realidade, será que o que ocorre no cérebro do leitor ao ler literatura tem relação com as reviravoltas que os personagens dão nas narrativas? A

princípio, o projeto de elaboração deste artigo buscou alternativas de respostas a essa pergunta. Afinal, elementos como a identificação e a empatia entre personagem e leitor são largamente reconhecidos nos estudos, e até em senso comum, na área de formação de leitor e teoria da leitura.

Contudo, ao tomarmos conhecimento dos estudos em neurologia aplicada à leitura, bem como, que há um lugar específico no cérebro moldado para a leitura, logo, inferimos que a literatura pode ter efeitos com maior profundidade e mais abrangentes que se imaginou e conheceu até então. Desta forma, pudemos avançar para além da circunscrição das metáforas e símbolos – tão caros à literatura, e buscamos relacionar a leitura de literatura à nossa feitura não somente como leitores de livros, mas como pessoas constituídas de histórias em nossa bio-neurologia.

Reconhecer ou desprezar tal fato, pode determinar a forma e a qualidade de nosso pensamento: “O longo processo evolutivo de aprender a ler bem e em profundidade mudou nada menos que a estrutura das conexões desse circuito, e isso fez com que mudassem as conexões do cérebro, com a consequência de transformar a natureza do pensamento humano.” (Wolf, 2019, p. 10).

Imaginar que sem os livros o homem teria conexões sinápticas de uma forma, com os livros, de outra, e ainda, saber que o próprio cérebro seria diferente, e isso em função da leitura, é de ficar como a pesquisadora Maryanne Wolf: maravilhado. De fato, a leitura de literatura está muito além da decodificação de símbolos gráficos numa página para o fim de distração, aquisição de conhecimento de mundo ou repertório gramatical para se comunicar melhor. Nesse aspecto, o tecido do circuito da leitura, ou o seu definhamento, pode determinar o avanço ou a extinção da humanidade. Wolf diz:

Um erro grande e fundamental – que teve muitas consequências infelizes para crianças, professores e pais pelo mundo afora – é a crença de que a leitura é natural para os seres humanos e que ela simplesmente emergirá, completa como acontece com a linguagem, quando a criança estiver pronta. Não é o caso; para a maioria de nós, os princípios básicos dessa invenção não natural e cultural precisam ser ensinados. (Wolf, 2019, p. 32).

Os princípios apresentados aqui, se aplicam tanto às crianças quanto aos adultos. Não importa quão pueril ou senil seja o indivíduo, se tem o ensino fundamental ou se tornou erudito. Nossa questão é que se a leitura constitui a humanidade, sem ela, menosprezamos a maior e melhor tecnologia já desenvolvida pelos humanos: a leitura. Desta forma, se tornar um leitor

de literatura – dadas as noções de leitura como apresentadas neste artigo, não está relacionado ao que fazemos ou com o que nos ocupamos, mas diz respeito a quem somos.

O escritor e crítico literário argentino Alberto Manguel em sua obra *Uma história da leitura* (1996) escreveu: “Dizem que nós, leitores de hoje, estamos ameaçados de extinção, mas ainda temos de aprender o que é a leitura.” De acordo com Manguel, podemos ser extintos antes mesmo de sabermos quem somos como sujeitos que leem. Este artigo não pretende ensinar o que é a leitura, obviamente; mas gostaria de discutir a questão e contribuir no reconhecimento de que a leitura de literatura é mais que um mero entretenimento ou “coisa para quem vive no mundo da lua”, ou ainda uma fuga da realidade, nem mesmo que a literatura é somente um mergulho na realidade, é muito mais.

Então, deixamos como última consideração (síntese), para que a partir daqui, avancemos no diálogo (antítese): a ficção é o núcleo da realidade e dos seres humanos, sem a qual nada existiria. E se Manguel tiver razão, pode ocorrer a extinção não somente dos leitores, mas da humanidade, ainda que permaneçam os homens (tese).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.
- CAMPOS, R. R. de. **Tese, antítese, síntese, tese...** Boletim Paulista de Geografia, n. 77. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/840/723>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. **Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GALEANO, E. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- LEWIS, C. S. **Um experimento em crítica literária**. Tradução de Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.
- LIMA, K. R e col. **Neuroplasticidade: trabalhando conceitos de neurociência na escola**. Anais do 8º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa. Disponível em: <http://menteaprendente.com/wp-content/uploads/2020/08/NEUROPLASTICIDADE-TRABALHANDO-CONCEITOS-DE-NEUROCIENCIA-NA-ESCOLA.pdf>. Acesso em 05 de fevereiro de 2023.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Com Borges**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

NABOKOV, V. **Fala, memória: uma autobiografia revisitada**. Tradução José Rubens Siqueira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SHAKESPEARE, W. **O Rei Lear**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2011.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

SOBRE OS (AS) AUTORES(AS)

LUCIANNO DI MENDONÇA

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina.

<http://lattes.cnpq.br/6334855726795374>

ÉMILE CARDOSO ANDRADE

Doutora em Literatura (2011) e mestre em Teoria literária pela Universidade de Brasília (UnB), possui graduação Letras Português pela mesma universidade (2002). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Goiás onde atuo no POSLLI - Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade - Câmpus Cora Coralina.

<http://lattes.cnpq.br/4661919586535215>